

Os limites da vida

Carlos Mota Cardoso

Sentado no banco do jardim, o velho carrega lentamente o seu cachimbo e pensa. Olha para o céu azul e misterioso. O infinito entra-lhe pelos olhos dentro e prolonga-se em transparências sobrepostas até à opacidade total. Gagueja pensamentos, gagueja silêncios, faz balanços e procura saldos de bem e de mal. Perspectiva a viagem que breve fará até ao lado de lá do mundo. Cansado, curtido de experiências, olha o passado e fareja a vida. Procura o remoto e o presente. Rabisca na memória, em apontamentos frustrantes, restos de desejos e de vontades. Aspira com força os prazeres do tabaco fumegante espalhando, de seguida, ondas de fumo cinza violeta que inunda de magnífico perfume o espaço ao redor.

- Dizem que isto mata. Rumina consigo próprio!...

- Mas afinal com isto ou sem isto a morte sempre acontece!... Talvez durasse mais tempo, talvez fosse mais saudável, talvez!... Quando, lá longe, na minha mocidade, descobri a morte como algo que a mim me pertencia, prometi a mim mesmo que tudo faria para escapar da foice tirana, poupando-me, protegendo-me e iludindo o fatal segador!... Não cumpri!... Consumi pilhas de folhas de tabaco, bebi tanques de vinho e fiz tantas coisas censuráveis!... A culpa que sinto não me absolve de nada, nem me devolve a saúde que me começa a faltar!... Porém, foi o tabaco que me colocou diante da mãe dos meus filhos, quando, num acaso feliz, naquele inverno longínquo, gozei os prazeres do fumo no intervalo do cinema. Ainda me lembro. No bar do "Águia d'Ouro", envolta no xaile da sua timidez, Mariana ensaiava investidas acanhadas, no meio duma pinha de pessoas que somavam pedidos simultâneos de café, laranjadas e refrescos. Pobre criatura. A sua voz frágil, afogava-se na sinfonia de falas e gritinhos, entremeada com ruídos de cadeiras arrastadas, de risos estridentes e do som oco provocado por vigorosas palmadas nas costas (forma peculiar de os portugueses se saudarem naquele tempo)!

- Um copo d'água, por favor!...

- As sombras das argolas de ouro que enfeitavam as orelhas, oscilavam nervosas ao redor do rosto manchado de rubores. Suponho que só eu ouvia o

pedido. Acanhado, lancei então a cana ao mar do desejo. Um copo d'água por favor! Um sorriso rompeu o pudor do outro lado; os olhos bailaram perdidos, durante alguns instantes, à procura do encontro, e, não mais se descolaram!... Ela, coitada, já foi. Está perdida à minha espera; numa qualquer avenida do céu; só pode estar no céu!... Como hei-de encontrá-la? Conservo ainda as argolas. As grandes argolas de ouro que emolduravam a sua figura. Quando olham para mim, redondas e brilhantes, deitadas lá no fundo da gavetinha da mesinha de cabeceira, gemem ainda as dores e as venturas duma vida carregada de privações e de prazeres. Como todas as vidas, aliás. Cada dia que tenho a sorte de vencer, cada noite que atravesso, lhes toco com os olhos e com a mente. Como gostava de lhes levar. Estou a ver o sorriso dela, aberto de bondade a iluminar-lhe as feições.

- Então não te esqueceste?

As argolas d'ouro conservam ainda a forma e o sentido profundo. As argolas de fumo, essas desfizeram-se na profundidade dos sentidos.

- E agora?... Que forças me restam para me transportar para diante? Como será o meu acabar? Eu não vou acabar, porque quando o segador chegar eu fujo para o além; fujo, talvez para o nada!... Não o vejo e ele não me vê a mim.

Caracóis de fumo soltam-se dos lábios e sobem para as alturas num movimento espiral até à diluição total no oceano do nada. Ao passarem pelos olhos, reflectem ainda a animação rodopiante das cores e das formas das coisas que acabam de se despedir da vida. Em geral são nítidas e contrastam com os fundos donde emergem, antes da cor se sumir e a forma se desfazer. O velho tenta por momentos parar o pensamento, mas não consegue. Quanto mais se esforça por estancar a vida psíquica, mais caótica é a torrente de ideias que fugacham na sua consciência. As vivências sucedem-se, as diversas situações interiores multiplicam-se. Cada situação constitui para o nosso homem, bem como para todos os homens, um problema, maior ou menor; mas sempre um problema, porque frente ao conteúdo da sua consciência cabe ao homem, em todas as circunstâncias, optar e decidir.

O nosso velho do jardim e todos os velhos e todos os novos do mundo estão sempre numa determinada situação, seja ela de que tipo for. Há porém, uma situação que precede todas as outras: é a situação de se estar sempre mergulhado numa dada situação. O nosso velho e todos os velhos e todos os novos do mundo estão sempre confrontados com um problema, mais ou menos complexo, mas confrontados com um problema. Contudo, há um problema que precede todos os outros, isto é, que torna secundários todos os outros: é o problema de se estar sempre diante de um problema. O nosso velho carregou no percurso da vida uma existência ampla, repleta de incontáveis experiências. Venceu o passado, ultrapassou as mais diversas situações, resolveu a seu modo todos os problemas com os quais se defrontou. Mas, deambulando ao sabor dos acontecimentos, externos e internos, esbarrou sempre, fosse qual fosse a direcção escolhida, com as chamadas situações limite (Jaspers). A morte, o acaso, a culpa e a insegurança constituíram e constituem sempre as muralhas intransponíveis que apertam o homem na sua marcha existencial. São muros cuja altura chega até ao céu, tão lisos que não permitem ser escalados. Porém, no estranho mundo psicótico, tantas vezes o absoluto se plasma em substâncias concretas e os muros caem como um castelo de cartas. Tal qual no sonho ou na fantasia.

O pensamento do nosso velho voa por momentos até ao céu. Nas mãos leva as argolas do sonho, nos olhos o rosário da esperança de ser tocado por novo acaso, por novo encontro, na boca o ar quente e doce do seu vício. Lá ao fundo, balouçando na linha do horizonte, está Mariana. Pensativa, mas serena.

- Espera por mim, gritei-lhe!... Recebi um aceno, uma ilusão, talvez um conselho vestido de sorriso. Corri, corri para o horizonte. Ela continuava a dar sentido à minha vida, à minha fuga. Parei diante de mim!... Para onde corria? Para onde fugia? Ninguém foge para lado nenhum, a não ser para o abrigo da ilusão! Desci para esperar! Esperar por quê? Esperar por quem? Esperar, simplesmente!...

